

COMO NASCEU O *DICIONÁRIO DE LUGARES IMAGINÁRIOS*

Não gosto de Milão. De todas as cidades em que vivi [Manguel viveu em Milão em 1973/1974], é a única em que não fiz amigos, excepto Gianni [Guadalupi]. [...] Um dia Gianni, que lia muito, mostrou-se entusiasmado com *La Ville Vampire*, de Paul Féval. Pensou que seria divertido fazer uma espécie de guia de turismo da cidade vampira, com os seus restaurantes, os seus hotéis, os seus horários de visita, recolhendo todas as indicações do romance. Começámos o trabalho; depois ocorreu-nos que se podia fazer o mesmo com várias cidades e daí passámos à ideia de fazer um guia de cidades, mas também de países, de montanhas... É o tipo de trabalho a que uma pessoa só pode dedicar-se quando é jovem, porque requer uma energia considerável. Por exemplo, pensámos descrever o país de Tarzan. Pois bem, eu tinha lido o primeiro volume das aventuras de Tarzan, mas há uns trinta, e era preciso lê-los. Trabalhámos muito no projecto, mas acabámos por terminar o livro bastante mais tarde. [Em 1978, depois de ter deixado Milão e de ter passado uma temporada no Tahiti, Alberto Manguel, que ainda não tinha nenhum livro publicado, estabeleceu-se em Oxford, como editor.] Entretanto, durante esse período, Gianni Guadalupi e eu continuávamos a escrever o *Dicionário dos Lugares Imaginários*. Foi um trabalho que nos levou muitos anos. Gianni enviava-me os textos que escrevia em italiano e eu traduzia-os

enquanto escrevia outros directamente em inglês. Gianni não saía de Itália. Era uma pessoa que adorava crónicas de viagem, mapas, geografia, e que quase nunca saiu da sua aldeola, às portas de Milão. Era um verdadeiro «viajante de quarto». Gianni ocupava-se de algumas línguas: o italiano, o francês, as línguas clássicas; eu ocupava-me do âmbito anglo-saxónico, alemão, latino-americano. [...] A minha mulher e eu tínhamos pensado que o *Dicionário dos Lugares Imaginários* seria o primeiro livro da nossa editora. [A editora acabou por falir e os planos que tinha para o seu projecto próprio, financiado por um primo, acabaram por ser propostos a uma outra chancela.] Tinha o *Dicionário dos Lugares Imaginários*, que estava pronto. Já mandara fazer uma maquete. O livro seria fruto de três anos de trabalho de Gianni e meu; primeiro juntos, depois à distância. Em Inglaterra, descobri um velho dicionário geográfico do século XIX e inspirei-me na sua paginação para realizar o nosso guia, com pequenas gravuras ao estilo do *Petit Larrousse*. Numa galeria de arte londrina, conheci um jovem artista (uma das vítimas da talidomida), capaz de desenhar pequenas maravilhas que pareciam gravuras. Chamava-se Graham Greenfield. Propus-lhe que fizesse pequenas vinhetas para ilustrar o livro. À medida que ia escrevendo os artigos, enviava-lhos e ele escolhia os que mais o inspiravam para fazer as vinhetas. Também queríamos que a obra, como uma verdadeira enciclopédia, tivesse mapas. Na pequena aldeia onde eu estava, havia uma empresa de desenho onde trabalhava um jovem que, como que predestinado, se chamava James Cook. Fui ter com ele para tratar dos mapas. Fizemos um trabalho de grande seriedade. Cada mapa seguia as indicações que se encontravam nos textos. Por exemplo, para o país de Tãrzan era necessário situar uma determinada

cidade em relação com a costa africana, onde Tarzan chega de canoa. Medimos atentamente a distância e levámos em linha de conta os quilómetros percorridos, sabendo que Tarzan rema durante cinco dias e calculando a distância que um remador robusto podia percorrer numa hora... Fizemos assim todo esse trabalho. Passávamos a James Cook os nossos croquis precisos e, com eles, ele desenhava mapas profissionais. Tínhamos finalmente a maquete, os mapas, os desenhos, o texto. Uma amiga da minha mulher era agente literária no Canadá. A minha mulher apresentou-me na Feira do Livro de Londres. Mostrei-lhe o projecto e entrei assim em contacto com aquela que seria a minha editora no Canadá desde o meu primeiro livro até *A Biblioteca à Noite*. É sobrinha de Graham Greene. [...] O livro, sobretudo no mundo anglo-saxónico, encontrou um público vasto. Escreveram-se páginas e mais páginas nos suplementos culturais; houve primeiras páginas de grandes diários. O que, claro está, significou um grande êxito para a pequena editora que Louise Dennys acabava de fundar. O êxito do *Dicionário dos Lugares Imaginários* foi fundamental para mim, por muitas razões. A primeira foi fazer-me crer que a crítica e os leitores são sempre generosos e que eu podia continuar a fazer o que achava bem e, ao mesmo tempo, ser lido e bem recebido. [...] Acreditei nisso! Que inocente eu era!

[Alberto Manguel em *Conversations avec un ami*,
de Alberto Manguel e Claude Rouquet, L'émeac Éditeur, 2011.

Excerto traduzido por Carlos Vaz Marques]